

PROPOSTA 1

DE MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Profecia de Malaquias 3,1-4

Assim fala o Senhor:

**«Vou enviar o meu mensageiro,
para preparar o caminho diante de Mim.
Imediatamente entrará no seu templo
o Senhor a quem buscais,
o Anjo da Aliança por quem suspirais.
Ele aí vem – diz o Senhor do Universo –.
Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda,
quem resistirá quando Ele aparecer?
Ele é como o fogo do fundidor
e como a lixívia dos lavandeiros.
Sentar-Se-á para fundir e purificar:
purificará os filhos de Levi,
como se purifica o ouro e a prata,
e eles serão para o Senhor
os que apresentam a oblação segundo a justiça.
Então a oblação de Judá e de Jerusalém
será agradável ao Senhor,
como nos dias antigos, como nos anos de outrora.**

Tema geral

Um “mensageiro” anónimo anuncia o “Dia do Senhor” – o “dia” em que Deus vai descer ao encontro do seu Povo para criar uma nova realidade. Nesse dia, Jahwéh vai eliminar o egoísmo e o pecado, vai purificar o coração do seu Povo, vai inaugurar o tempo novo da comunhão verdadeira entre Deus e os homens.

A Vida Consagrada é interpelação profética; interpela os homens, convida-os à conversão, anuncia e testemunha o mundo que há-de vir.

Quem é o profeta Malaquias que hoje nos fala?

O nome “malaquias” não é um nome próprio. Significa “o meu mensageiro”. É o título tomado por um profeta anônimo, sobre o qual praticamente nada sabemos e que se apresenta como “mensageiro” de Jahwéh. Actuando na Jerusalém do período posterior ao regresso da Babilónia, é um fervoroso defensor da tradição dos valores judaicos, um fervoroso pregador de reformas, um zeloso defensor do culto autêntico, favorável ao Templo já reconstruído (cf. Mal 1,10), preocupado com a pureza dos sacerdotes e dos levitas, defensor dos sacrifícios, diante de um culto que funcionava, mas de maneira imperfeita (cf. Mal 1,7-9. 12-13), contrário aos matrimónios mistos (entre judeus e não judeus).

Este quadro, posterior à restauração do Templo, situa-nos na primeira metade do séc. V a.C. (entre 480 e 450 a.C.), muito próximo da época de Esdras e Neemias.

Este “mensageiro de Deus” reage vigorosamente contra a situação em que o Povo de Judá está a cair e que veremos mais adiante. Coloca cada um diante das suas responsabilidades para com Jahwéh e para com o próximo, exige a conversão do Povo e a reforma da vida cultural.

A lógica deste mensageiro é construída numa base deuteronomista: se o Povo se obstinar em percorrer caminhos de infidelidade à Aliança, voltará a conhecer a morte e a infelicidade; mas se o Povo se voltar para Jahwéh e cumprir os mandamentos, voltará a gozar da vida e da felicidade que Deus oferece àqueles que seguem os seus caminhos.

Apenas a título de exemplo, podemos ler Dt 30,15-20, para entender que a concepção da vida e da felicidade do povo de Israel depende de uma escolha, em que a escolha pelos caminhos de Jawéh conduz à vida e à felicidade, ao passo que a escolha pelas forças próprias e sobretudo contrárias a Jawéh conduz à morte e à ruína.

Qual era a situação de Jerusalém do tempo de Malaquias?

Diante de nós, temos um Povo desanimado por ver que as antigas promessas de Deus, veiculadas por Ezequiel e pelo Deutero-Isaiás, não se tinham cumprido. Tinha, por isso, caído na apatia religiosa e na absoluta falta de confiança em Deus...

Duvidava do amor de Deus, da sua justiça, do seu interesse por Judá. Ora, todo este cepticismo tinha repercussões no culto, cada vez mais desleixado, e na ética, em que se multiplicavam as falhas, as injustiças, as arbitrariedades.

Nada pior que olhar para trás em situações como esta: perder o sentido da vida e pensar que o Senhor nos abandonou.

É neste contexto que a palavra de Malaquias é dirigida ao Povo, em tempos de desânimo, mas também de perversidade. Mesmo se é uma palavra dura, acaba por sê-lo também de esperança porque mostra que o Senhor reporá a ordem: vai chegar o “Dia do Senhor”, esse momento decisivo em que Deus colocará cada um diante das suas responsabilidades e retribuirá a cada um conforme os seus merecimentos (cf. Mal 2,17-3,5).

Por isto mesmo, o “Dia do Senhor” é um dos conceitos mais ambivalentes de toda a Bíblia, por quanto contém de terrível, de sinais misteriosos, associado em alguns texto, como este, ao fogo, a elementos da criação que nos metem medo; por outro lado, é sempre um conceito positivo, porque mostra que Ele não abandonou esse Povo desanimado, mas virá e entrará no seu templo.

Em última análise, a mensagem do profeta é uma mensagem de esperança!

Como será a vinda do Senhor?

A “vinda” do Senhor será precedida pela chegada de um mensageiro a “preparar o caminho”. Não se explica, no nosso texto, quem é esse “mensageiro”; contudo, mais à frente (cf. Mal 3,23), a figura que vai surgir para preparar o “Dia do Senhor” é claramente identificada com o profeta Elias. Só depois, chegará o Senhor para exercer o seu juízo sobre os pecadores. Não se diz explicitamente se este “Senhor” que vem é o próprio Deus, ou se é o seu “messias”... De qualquer forma, é muito provável haver aqui uma referência messiânica (até pela figura de Elias aqui envolvida, considerada uma figura precursora do messias).

Este “Senhor” é também designado como “o mensageiro da Aliança”; o título parece designar o mediador que estabelece as negociações para a assinatura de um compromisso.

Esta “Aliança” será a “nova Aliança” anunciada por Jeremias (cf. Jer 31,31; 32,40) e por Ezequiel (cf. Ez 16,60; 34,25; 36,26-28), a partir da qual vai nascer um Povo novo, que vive em comunhão com Deus e que cumpre os mandamentos e preceitos de Jahwéh.

A função do “Senhor” é, pois, possibilitar o aparecimento de uma “nova Aliança” que comprometa Judá com o seu Deus.

Que efeitos terá a vinda do Senhor na vida dos crentes?

O resultado dessa intervenção do Senhor será a purificação do Povo. Servindo-se de elementos muito sugestivos como o fogo ou a lixívia, o profeta descreve essa purificação. Dela resultará um novo sacerdócio (“os filhos de Levi... serão para o Senhor os que apresentam a oblação segundo a justiça” – vers. 3), que fará “a oblação de Judá e de Jerusalém” voltar a ser “agradável ao Senhor como nos dias antigos, como nos anos de outrora” (vers. 4).

A purificação do sacerdócio e do culto operada pelo Senhor será um sinal claro da chegada de um novo tempo – um tempo em que Deus estará com o seu Povo e em que um Povo de coração renovado prestará um culto sincero, verdadeiro, agradável a Deus.

Interpelações para nós, hoje

- ◆ A figura deste “mensageiro” de Deus, que prepara o caminho por onde o Senhor vai chegar, recorda-nos a dimensão profética da vida cristã, na qual se insere Vida Consagrada.

Os consagrados – chamados por Deus a serem mensageiros da sua vida e do seu projecto – são ícones vivos de Deus no meio do mundo e dos homens. Como Malaquias, eles denunciam aquilo que impede a caminhada dos homens rumo à vida verdadeira e, com a sua vida e testemunho, desafiam os homens a um permanente esforço de conversão, de renovação, de construção de vida nova.

Os consagrados, na fidelidade à sua vocação e missão, não podem conformar-se com uma sociedade tranquilamente adormecida à sombra de valores politicamente correctos, mas que potenciam uma cultura de escravidão e de morte. Mesmo enfrentando a incompreensão e sofrendo a perseguição dos fazedores de opinião, os consagrados são chamados a serem testemunhas proféticas da luz de Deus que ilumina e vence as sombras do mundo.

- ◆ O “mensageiro” de que nos fala a primeira leitura é a testemunha fiel e comprometida do inquestionável amor de Deus pelos homens. O Deus que este “mensageiro” anuncia e propõe é um Deus cheio de amor, que está atento aos dramas que marcam a caminhada humana, que não se conforma com a apatia, o imobilismo e o comodismo que impedem a descoberta da vida plena.
Os consagrados têm de ser testemunhas desse Deus que ama cada homem e cada mulher para além de toda a medida. Com a sua palavra, com os seus gestos, com a sua vida, eles têm de dizer a todos – especialmente aos mais pobres, aos mais débeis, aos marginalizados e abandonados – que Deus os ama com um amor sem limites e quer oferecer-lhes essa vida plena que a sociedade nem sempre lhes assegura.

- ◆ No nosso texto, a acção do “mensageiro” é determinante para fazer surgir uma nova realidade – o “novo céu e a nova terra” onde habitam a verdade, a justiça e a paz.
É missão dos consagrados construir e testemunhar um mundo novo, onde Deus reina, de facto. Mais, os consagrados, ao colocarem Deus no centro das suas existências, ao despojarem-se dos bens deste mundo, ao viverem em comunidades fraternas, ao renunciarem aos bens passageiros e superficiais, anunciam esse mundo futuro de vida plena e definitiva que Deus quer oferecer a todos os homens e para o qual Deus quer que toda a humanidade caminhe.

- ◆ Embora o nosso texto não o refira explicitamente, o “profeta” é um homem ou uma mulher que vive num diálogo permanente com Deus e que, na meditação da Palavra, na oração, na Eucaristia celebrada e adorada, na comunhão de vida com Deus, descobre os caminhos e os projectos de Deus para si próprio e para o mundo.
Será impossível a um consagrado viver fielmente a sua vocação e a sua missão profética sem esta referência a Deus e sem este diálogo orante, pessoal, íntimo e diário com Deus.

Saborear a Palavra

Continuar a saborear o alimento da Palavra acolhida, em silêncio meditativo...

Rezar a Palavra

Rezar a Palavra pessoalmente ou partilhar a oração, se for em grupo...

Comprometer-se na Palavra

Assumir compromissos concretos provocados pela Palavra que acolhemos, meditámos, rezámos, partilhámos...